EUA não abrem mão de um acordo Brasil-FMI

Para o Departamento do Tesouro americano acerto é condição para renegociar com Clube de Paris

REUTERS

O secretário quer que comprem mais dos EUA

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Washington — O governo norte-americano não abre mão da exigência de um acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional para que possa ser reestruturada a dívida governamental com os países industrializados que integram o Clube de Paris. A mesma exigência não foi feita com relação a próxima renegociação com os bancos credores, de acordo com declarações feitas ontem por uma alta fonte do Departamento do Tesouro.

"Não é verdade que o governo americano insiste na necessidade de um programa do FMI para o Brasil" — disse o funcionário, que pediu para não ter seu nome citado, ao responder a perguntas de jornalistas brasileiros numa entrevista sobre os resultados da assembléia anual do FMI/Banco Mundial. "Estamos inclusive muito impressionados pelo progresso que os brasileiros estão fazendo internamente, embora estejamos também preocupados com a sustentação disso" — afirmou.

"O que temos dito, como têm feito todos os outros países industrializados porque se trata de uma regra já estabelecida, é que antes de qualquer reestruturação de débito junto ao Clube de Paris é preciso haver um programa do FMI ou algo muito próximo a isso, e o Brasil não é nenhuma exceção a esta regra" — explicou o funcionário do Tesouro, que posteriormente foi categórico ao dizer que o simples cumprimento do artigo quatro dos estatutos do FMI, como quer o Brasil, não será suficiente.

"O Clube de Paris é uma reunião de países credores, não é um órgão formal com uma secretaria que estabelece seus próprios programas, de forma que precisa ter algum processo pelo qual possa acompanhar o desempenho dos devedores que buscam uma renegociação em troca de melhor performance econômica" — acrescentou o representante do Departamento de Estado, lembrando que a finalidade de um acordo stand-by com o FMI seria esta, e que o governo americano está de acordo com esta posição do Clube de Paris.

Para o funcionário, o Brasil poderia contornar esta exigência pagando os atrasados com os países do Clube de Paris, inclusive os Estados Unidos. "E poderia também pagar seus atrasados junto ao Eximbank". Ao ser informado das declarações do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, segundo as quais o Brasil não aceita este tipo de acerto porque até agora não tem indicação de que receberá em troca novos créditos oficiais destes governos, o funcionário foi evasivo, dizendo que não poderia concordar com esta colocação.

"Os Estados Unidos estão conscientes dos programas de ajuste e do progresso que tem sido feito pelos países, envolvendo muitas vezes acordos tipo stand by com o FMI e empréstimos do Banco Mundial etc, e o governo americano tem mantido garantias para créditos de exportação em apoio àqueles programas, de forma que não posso concordar com este enfoque" — concluiu.